

# Imprensa redescobre o dinamismo do Brasil 3

por Paulo Sotero  
de Washington

Sepultada pela crise da dívida e pela recessão, a imagem do Brasil como um país dinâmico, obstinado e inexoravelmente destinado a saltar do Terceiro para o Primeiro Mundo, que já dominou a percepção dos norte-americanos na época do milagre econômico, está de volta. Nas últimas semanas, impressionados pelos resultados iniciais do Plano Cruzado e pela volta do crescimento acelerado da economia, jornais e revistas dos Estados Unidos têm dedicado razoável espaço à redescoberta do dinamismo brasileiro. O último exemplo é a revista *Fortune*, que dedica nove páginas de sua última edição a uma excelente matéria intitulada "O amanhã do Brasil já está à vista". Escrita pelo editor Jeremy Main, que passou duas semanas no País no mês passado acompanhado pelo repórter Wilton Woods, um veterano em matéria de viagens ao Brasil, a reportagem está longe de ser laudatória. Main assinala que as fraturas do congelamento de preços e a escassez de alguns produtos indicam uma inflação maior do que o governo gosta de admitir. Ele afirma, também, que a economia brasileira poderia, facilmente, deslizar para uma nova recessão "porque muitas das boas coisas que estão acontecendo são resultado de sorte". "Quando as taxas de juros, os preços do petróleo e o apetite dos Estados Unidos por importações eram menos favoráveis, no início dos anos 80, o Brasil era um país doente", lembra o jornalista.

Os brasileiros e os estrangeiros voltarão a investir? Essa pergunta crucial para o futuro do País ainda não foi respondida, nota Main. Para ele, a idéia segundo a qual a retomada do crescimento chegará para atrair os investimentos externos que ele ouviu do presidente José Sarney, provavelmente não bastará. "O Brasil, como seus vizinhos, ainda depende muito pesadamente do governo para resolver seus problemas", escreveu ele. "Enquanto o País não abandonar essa atitude e colocar mais fé no dinamismo de sua sociedade e do setor empresarial, o capital de que precisa para consolidar sua democracia continuará escasso."

O dinamismo da sociedade e dos empresários brasileiros impressionou muito mais o jornalista do que seus contatos no governo. E essa impressão passa no otimismo que embebe a reportagem. "Não há como este país não se desenvolver", disse-lhe Roberto Civita, o presidente da Editora Abril, que é apresentado como um exemplo do "espírito ebuliente dos empresários brasileiros". "Nós estamos de volta aos trilhos e se a economia crescer 5 ou 6% ao ano nós vamos dobrar o (nosso) negócio e todos os outros negócios no Brasil em menos de uma década", disse ele ao jornalista americano.

Embora mencione o problema dos gastos públicos, Main afirma que o dinamismo e o espírito de iniciativa existem também

nas empresas estatais. Cita, como exemplo, Eliezer Batista da Silva, até recentemente presidente da Companhia Vale do Rio Doce, e Osíres Silva, fundador da Empresa Brasileira de Aeronáutica e atual presidente da Petrobrás. De Eliezer, Main ouviu uma interessante comparação entre o Brasil e o resto da América Latina, por um lado, e com os Estados Unidos, de outro. "A sociedade brasileira é muito dinâmica e diferente da do resto da América Latina. Os outros são barrocos, ainda vivem na Espanha dos grandes discursos e da 'bullshitology'", um delicioso neologismo intradutível para o português. "O Brasil é mais científico e mais orientado para a tecnologia, mais americano do que gostaria de admitir. Nós gostamos de assumir riscos e fazer coisas", afirmou Eliezer.

Na segunda semana de agosto, a revista *Business Week*, o principal semanário de informação econômica do país, publicou uma matéria sobre o "boom" brasileiro. "Ele é a evidência mais convincente de que a promessa brasileira (de se juntar às fileiras dos países industrializados) está sendo cumprida", afirmaram os autores da reportagem. Comentando os dificuldades criadas de pressão da demanda após o Plano Cruzado, eles lembravam, apropriadamente, que muitos países da América Latina adorariam ter os problemas do Brasil.

A nenhuma das duas revistas escapou, contudo, o problema da pobreza que aflige dois terços da população e que, mais do que qualquer outro fator, mantém o País no estágio de subdesenvolvimento e ameaça a vida política. Até porque, como lembrou o ministro do Planejamento João Sayad a Main, "é impossível pensar em democracia num país tão drasticamente dividido".